

- HILLYER, E. V.; QUESENBERRY, K. E. *Ferrets, Rabbits and Rodents: Clinical Medicine and Surgery*. Philadelphia, Pennsylvania: W. B. Saunders Company, 1997. p. 432.
- QUESENBERRY, K. E. *Coelhos*. In: BIRCHARD, S. J.; SHERDING, R. G. *Manual Saunders – Clínica de Pequenos Animais*. 2ª ed. São Paulo: Editora Roca; 2003. p.1642-1662.
- QUESENBERRY, K. E.; CARPENTER, J. W. *Ferrets, rabbits, and rodents – clinical medicine and surgery*. 2ª ed. Missouri: Saunders; 2003. p. 461.
- VILARDO, F. E. S. *Lagomorpha (coelho, lebre, lebre-assobiadora)* In: Cubas, Z.S.; Silva, J.C.R.; Catão-Dias, J.L. *Tratado de animais selvagens – medicina veterinária*. 1ª ed. São Paulo: Editora Roca; 2007. p. 415-431.

Persistência de ducto arterioso com desvio bidirecional em gato: Relato de caso

Chamas, P. P. C.¹; Lallo, M. A.¹; Pereira, G. G.²; Elias, D. S.³; Ferrarias, T. M.³

O ducto arterioso é um vaso sanguíneo que se estende da artéria pulmonar à aorta descendente, permitindo que o fluxo sanguíneo do ventrículo direito, durante a vida fetal, atinja a circulação sistêmica sem passar pelo pulmão. A falha em seu fechamento após o nascimento é denominada de persistência do ducto arterioso (PDA), doença cardíaca congênita relativamente comum em cães e infrequente nos gatos. Pelo ducto patente, ocorre desvio sanguíneo da esquerda para a direita (aorta para pulmonar), acarretando em sobrecarga de volume na circulação pulmonar e câmaras cardíacas esquerdas. Nos casos em que há pouca constrição ductal e o ducto é largo, o alto fluxo pulmonar leva à hipertensão pulmonar, e o desvio de sangue pode, então, reverter e resultar em desvio da direita para a esquerda (PDA reverso). Essa situação normalmente ocorre nos primeiros meses de vida, é irreversível e não pode ser corrigida cirurgicamente. Nesses casos, há desaparecimento do sopro cardíaco devido à diminuição na velocidade do fluxo através do ducto. Foi atendido, no Complexo Veterinário da Universidade Cruzeiro do Sul, um felino da raça siamês, fêmea, um ano de idade, cujo proprietário solicitava cirurgia eletiva de castração. No exame pré-operatório, auscultou-se sopro contínuo grau IV/VI, de padrão intermitente, em foco pulmonar. O hemograma revelou trombocitopenia, que impossibilitou a ovariosalpingohisterectomia. O eletrocardiograma evidenciou ritmo sinusal normal e sinais sugestivos de aumento ventricular direito. O ecodopplercardiograma demonstrou a presença de PDA com fluxo sanguíneo bidirecional e sinais de importante hipertensão arterial pulmonar (fluxo sistólico pulmonar diminuído, hipertrofia moderada concêntrica de ventrículo direito e movimento paradoxal do septo ventricular). Justifica-se o presente relato devido à apresentação incomum dessa cardiopatia congênita em um felino, pois a PDA é relativamente rara nessa espécie, sendo ainda mais inusitada a forma reversa da doença.

- 1 Professora do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul)
2 Professor do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Guarulhos
3 Médica Veterinária do Complexo Veterinário da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul)

Poliartrite imunomediada: artrite reumatoide x lúpus eritematoso sistêmico

Carandina, L. S.¹; Prada, T. C.¹; Araujo, M. M.¹; Coelho, V.S.²; Hato, D. S.³; Zanco, N. A.⁴; Kolber, M.⁵; Coutinho, A. S.⁶

As poliartrites imunomediadas em cães são difíceis de serem diagnosticadas e tratadas, assim como o lúpus eritematoso sistêmico (LES) e a artrite reumatoide (AR). Nos casos de AR, as articulações do carpo são as mais acometidas,

tendo como outros sinais clínicos rigidez, fadiga muscular, perda de peso e hipertermia. Radiograficamente, os animais apresentam em suas articulações acometidas lise e erosão de cartilagem e osso subcondral. O LES é uma doença de caráter imunomediado e também pode acometer diversos sistemas. Os sinais clínicos mais comuns são lesões cutâneas, poliartrite imunomediada, anorexia, fraqueza, glomerulonefrite, cardiopatias, hepatopatias, dentre outras. Relatamos nesse estudo seis animais atendidos no Hovet-Methodista com poliartrite no ano de 2009, sendo cinco casos de AR e um caso de LES. Todos esses cães apresentavam no primeiro atendimento claudicação, aumento de volume articular com sensibilidade dolorosa na palpação e discreta hipertermia intermitente. Realizamos exames radiográficos, hemograma completo, função renal (ureia e creatinina), relação albumina sobre globulina, velocidade de hemossedimentação (VHS), Fator Reumatoide (FR) e Fator Antinúcleo (FAN). Verificamos nos achados radiográficos que nas duas doenças havia poliartrite com luxação articular e degeneração subsequente. Ainda nos animais com AR, todos apresentavam lise óssea nas regiões das articulações acometidas, principalmente no carpo e joelho. O animal positivo para LES apresentou lesões cutâneas em abdômen ventral. Após duas semanas do primeiro atendimento, teve a VHS aumentada, hemograma com discreta anemia e FAN positivo (1:5200). Dentre os animais com AR, dois apresentaram FR negativo, mas, com base nos sinais clínicos e exames complementares, foi diagnosticada a doença. Em todos os casos, a globulina estava aumentada em relação à albumina. Com isso, verificamos a importância da realização de exames complementares específicos para o diagnóstico precoce dessas duas patologias, que podem ocorrer com sinais clínicos semelhantes. Assim, essas dificuldades inerentes aos casos, por serem pouco estudados como doença reumatológica, implicam na dificuldade para se chegar ao diagnóstico correto e precoce, onde indicaria-se a terapêutica adequada para obtermos sucesso maior no tratamento, antes que ocorram luxações articulares que impossibilitem ao animal sua locomoção.

Palavras-chave: Lúpus Eritematoso Sistêmico, Artrite Reumatoide, Poliartrite

- 1 Autor e Graduando em Medicina Veterinária na Universidade Metodista de São Paulo
2 Autor e Médico Veterinário – Trainee do Hovet-Methodista
3 Autor e Médico Veterinário autônomo
4 Autor e Médico Veterinário Diretor do Hovet-Methodista
5 Autor, Professor de radiologia e Médico Veterinário responsável pelo Setor de Radiologia do Hovet-Methodista
6 Autor, Orientador e Médico Veterinário da Universidade Metodista de São Paulo, Professor de Cirurgia e Cirurgião Responsável do Hovet-Methodista

Prevalência da doença degenerativa valvar crônica mitral em cães

Chamas, P. P. C.¹; Saldanha, I. R. R.²; Costa, R. L. O.²; Noronha, N. P.³

A doença degenerativa da valva mitral (DDVM) é, dentre as alterações adquiridas, a cardiopatia de maior ocorrência em cães geriátricos de médio e pequeno portes. A degeneração valvar ocasiona a distorção dos folhetos, com consequente regurgitação mitral, que leva à sobrecarga de volume e dilatação de átrio esquerdo. Nos pacientes sintomáticos, observam-se manifestações clínicas inerentes à insuficiência cardíaca congestiva esquerda (ICCE), porém, o agravamento do quadro pode gerar hipertensão pulmonar secundária e consequente ICC direita. A DDVM é diagnosticada, mais frequentemente, em cães machos de pequeno a médio porte e de faixa etária avançada. O objetivo do presente estudo foi avaliar a predisposição etária, racial e sexual dos cães acometidos por DDVM em nosso meio. Foram avaliados, em um período de 24

meses, 125 cães encaminhados ao Serviço de Cardiologia do Hospital Veterinário da Universidade Paulista, nos quais o diagnóstico de DDVM foi suscitado por anamnese, auscultação cardíaca, eletrocardiografia e radiografia torácica, sendo confirmado por meio de ecocardiografia. Em relação à faixa etária dos cães acometidos, observou-se média e desvio-padrão de $11,6 \pm 2,4$ anos, variando de 5 a 18 anos de idade. Essa média foi superior àquelas normalmente encontradas nos trabalhos afins. As raças de cães mais frequentemente acometidas foram aquelas de pequeno e médio portes, em concordância com outros autores, observando-se a seguinte frequência de ocorrência: poodle (38,0%), SRD (32,0%), pinscher (8,0%), cocker spaniel (5,0%), dachshund (6,0%), lhasa apso, maltês e pastor alemão (2,0% cada), e outras (1,0% cada). A doença foi observada em 74 machos (59,0%) e 51 fêmeas (41,0%), corroborando com os relatos de literatura de maior predisposição dos machos à DDVM. Por meio desse estudo epidemiológico, ressalta-se a importância da avaliação cardiológica periódica de cães machos idosos de raças pequenas, buscando-se o diagnóstico precoce dessa prevalente doença.

1 Professora adjunta do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Paulista (Unip)

2 Médica Veterinária Autônoma

3 Aluna de graduação do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Paulista (Unip)

Prevalência das lesões orais em felídeos da espécie Gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) mantidos em cativeiro

Fecchio, R. S.^{1*}; Prazeres, R. F.²; Nunes, A. L. V.³; Teixeira, R. H. F.³; Gioso, M. A.⁴; Pessoa, C. A.⁵

A espécie gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) é a menor dos felídeos do Brasil, com porte e proporções semelhantes às do gato doméstico, porém pouco estudada e raramente vista em natureza, mas com certa abundância em centros de triagem e jardins zoológicos. Sua fórmula dentária é apresentada da seguinte forma: $2x (I \ 3/3, C1/1, PM \ 3/2, M1/1)$. O exame da cavidade oral, visando detectar e corrigir problemas de forma precoce, deve ser parte de um programa de avaliação geral da saúde animal. Prevenindo-se problemas estomatognáticos, preserva-se a eficiência dos processos digestórios, contribuindo para a manutenção da saúde geral, melhorando suas habilidades reprodutivas, aumentando sua expectativa de vida e melhorando substancialmente a qualidade de vida dos animais. A cavidade oral de nove ($N = 9$) *L. tigrinus* foi examinada em três diferentes jardins zoológicos do Brasil, cujos animais foram submetidos à anestesia geral para procedimentos de rotina. Dentre os animais examinados, 67% (6) apresentaram cálculo dentário, 33% (3) apresentaram gengivite, 11% (1) apresentaram bolsa periodontal, 22% (2) apresentaram abscesso dental, 56% (5) apresentaram fratura dental, 11% (1) apresentaram retração gengival, 33% (3) apresentaram exposição da polpa, 11% (1) apresentaram desgaste dentário e 11% (1) apresentaram lesão de reabsorção dental. O presente trabalho evidencia como alta a prevalência de lesões orais na espécie *L. tigrinus* em cativeiro, pois 67% dos animais apresentavam algum tipo de lesão. Dentre estas, as relacionadas com a doença periodontal e as fraturas dentárias foram as mais prevalentes. A profilaxia da saúde oral dos animais mantidos em cativeiro deve ser parte da profilaxia da saúde geral e deve envolver a detecção e a eliminação de futuras causas de afecções patogênicas. A atual condição oral desses animais não é satisfatória e indica que medidas devem ser tomadas em relação à profilaxia, diagnóstico e tratamento das lesões bucais, de forma a reduzir o impacto negativo das consequências locais e sistêmicas provenientes do problema oral. Prevenir problemas de saúde da cavidade oral preserva a eficiência do processo digestivo. Este, por sua vez, contribui para a manutenção da saúde, melhora a

capacidade reprodutiva, aumenta a expectativa de vida e melhora substancialmente a qualidade de vida dos pacientes.

*rfecchio@usp.br

1 M. V. e mestrando do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

2 M. V. e pós-graduado em Especialização em Clínica Médica de Pequenos Animais, Pós-graduando em Especialização em Clínica Médica e Cirúrgica em Animais Selvagens e Exóticos

3 M. V. Zoológico Quinzinho de Barros – Sorocaba

4 M. V., MSc, Dr, Laboratório de Odontologia Comparada da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

5 M. V., MSc, Coordenador Pedagógico do Curso de Pós-graduação em Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Selvagens e Exóticos Mantidos como Pet – Qualittas

Referências bibliográficas:

- CORRÊA, S. H. R.; PACHALY, J. R.; CATÃO-DIAS, J. L.; GUIMARÃES, M. A. de B. V. Prevalência de lesões orais em pequenos felinos neotropicais na FPZSP. In: Anais do IX Congresso e XIV Encontro da Associação Brasileira de Veterinários de Animais Selvagens – ABRAVAS, 2005, pp. 33.
- FOWLER, E. M. Zoo & Wild Animals Medicine. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1986, p. 533-547.
- GIOSO, M. A.; PACHALY, J. R. The oral cavity. In: Fowler, M.E.; Cubas, Z.S. (eds.). Biology, medicine, and surgery of south american wild animals. Iowa: Iowa University Press, 2001. p. 457-463.
- HARVEY, C. E. Veterinary dentistry. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1985, p. 289-308.
- PACHALY, J. R. Odontostomatologia. In: Cubas, Z.S.; Silva, J.C.R.; Catão-Dias, J.L. Tratado de animais selvagens – medicina veterinária. 1ª ed. São Paulo: Editora Roca, 2007. p. 1068-1091.
- SILVA, J. C. R.; ADANIA, C. H. Carnívora – Felidae. In: Cubas, Z.S.; Silva, J.C.R.; Catão-Dias, J.L. Tratado de animais selvagens – medicina veterinária. 1ª ed. São Paulo: Editora Roca, 2007. p. 505-546.
- WIGGS, R. B. Dentistry in exotic carnivores. Presented at the 16th Annual Veterinary Dental Forum. Savannah, 2002.
- WIGGS, R. B.; LOBPRISE, H. B. Veterinary dentistry. Principles & practice. New York: Ed. Lippincott-Raven, 1997. p. 538-556.
- WIGGS, R. B.; BLOOM, B. C. Exotic placental carnivore dentistry. Vet Clin Exot Anim 6 (2003) 571-599.

Prolapso de uretra em cão da raça Bulldog Inglês

Martins Junior, R.^{1*}; Jardim, J. A.²; Luvizotto, M. C. R.²; Andrade, A. L.²

O prolapso de uretra é caracterizado pela protrusão da mucosa da uretra distal, que se estende além da extremidade do pênis, apresentando-se com uma massa avermelhada na ponta do órgão. Considerando-se que não ocorre recuperação espontânea, o tratamento depende da viabilidade e dimensões da porção protruída. A escassez de relatos sobre essa afecção em cães justifica a descrição deste caso, que teve por objetivo relatar os aspectos clínicos, cirúrgicos e anatomopatológicos da uretra prolapsada. Foi atendido um cão, da raça bulldog inglês, de sete meses de idade, que apresentava há 15 dias um sangramento profuso pelo óstio externo do pênis e sinais de apatia e prostração. O exame físico geral revelou principalmente mucosas hipocoradas e protrusão da mucosa uretral distal, além do orifício externo da uretra, que se apresentava como uma massa arredondada, edematosa e congesta de coloração roxo-escuro. Firmado o diagnóstico, medidas terapêuticas voltadas para estabilização clínica do paciente foram adotadas. Dentre elas, transfusão sanguínea para